

JON KRAKAUER

SOBRE HOMENS E MONTANHAS

Tradução

Carlos Sussekind

Pedro da Costa Novaes

Rosita Belinky



Copyright @ 1990 by Jon Krakauer

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Eiger Dreams — Ventures Among Men and Mountains

Capa

Jeff Fisher

Consultoria técnica

Pedro da Costa Novaes

Rosita Belinky

Preparação

Maria Sylvia Corrêa

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Jasceline Honorato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Krakauer, Jon, 1954-

Sobre homens e montanhas / Jon Krakauer ; tradução Carlos Sussekind, Pedro da Costa Novaes, Rosita Belinky — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2019.

Título original: Eiger Dreams: Ventures Among Men and Mountains.

ISBN 978-85-359-3257-7

1. Alpinismo 2. Montanhas I. Título.

19-31310

CDD-796.522

Índices para catálogo sistemático:

1. Alpinismo : Esporte 796.522

2. Montanhismo : Esporte 796.522

Maria Paula C. Ryuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

2019

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para Linda,

*com lembranças de
Green Mountain Falls,
Wind Rivers e Roanoke Street.*

SUMÁRIO

Nota do autor 9

Sonhando com o Eiger 17

Gill 33

O gelo de Valdez 48

Sem poder sair da barraca 66

Os aeroloucos de Talkeetna 77

Clube Denali 93

Chamonix 117

Canionismo 137

Uma montanha mais alta do que o Everest? 151

Os irmãos Burgess 166

Um verão difícil no K2 187

O Polegar do Diabo 202

Glossário 229

Sobre o autor 233

NOTA DO AUTOR

O QUE LEVA ALGUÉM A ESCALAR MONTANHAS é algo que a maioria dos que não fazem parte do mundo dos montanhistas tem muita dificuldade para entender — se é que entende. O tema se presta às mil maravilhas para filmes ruins e metáforas banais. Sonhar que se escala um pico altíssimo e escarpado é um prato feito para a interpretação dos psicanalistas. A atividade costuma vir associada a histórias de audácia e tragédia que tornam os outros esportes, por comparação, verdadeiros jogos de criança; quando falamos em montanhismo, a impressão que isso causa na imaginação do público não é muito diferente de quando ele ouve falar em tubarões ou abelhas assassinas.

Este livro se propõe, na medida do possível, a corrigir os efeitos da mística assim criada, lançando um pouco de luz sobre o assunto. Não estamos diante de criaturas tresloucadas: são pessoas, simplesmente, em quem sobressai uma linhagem especialmente virulenta da Condição Humana.

Para que depois não me acusem de falsear informações no rótulo do produto, devo desde logo declarar que em nenhuma passagem o texto encara direta e frontalmente a questão central: Como entender que uma pessoa normal possa gostar de se dedicar a isso? Cerco essa questão continuamente, aqui e ali me ponho a cutucá-la, cauteloso, com a ponta de uma vara bem comprida, mas em nenhum momento salto para dentro da jaula e enfrento a fera no corpo a corpo. Mesmo assim, creio que, chegando ao final do livro, o leitor terá uma noção mais clara, não apenas de por que os escaladores escalam, como da razão que leva isso a tornar-se tal obsessão para eles.

Localizo as raízes de minha própria obsessão no ano de 1962. Garoto dos mais comuns, criado em Corvallis, no Ore-

gon, tinha um pai sensato e mesmo rígido na educação dos filhos, cinco ao todo, com os quais vivia insistindo para que estudassem matemática e latim, não ficassem um minuto à toa, concentrassem seus esforços em seguir uma carreira de médico ou de advogado. Inexplicavelmente, por ocasião do meu oitavo aniversário, esse rigoroso disciplinador resolveu presentear-me com uma piqueta infantil e acompanhou-me em minha primeira escalada. Sempre que me ponho a evocar esse episódio, fico sem conseguir imaginar o que possa ter passado pela cabeça do velho na ocasião; se ele tivesse me dado uma Harley Davidson e me inscrevesse como membro dos Hell's Angels, não teria sabotado mais eficazmente suas aspirações paternas.

Por volta dos dezoito anos, o montanhismo era a única coisa que me interessava: trabalho, colégio, amizades, planos de carreira, sexo, sono — tudo tinha que se conciliar com minhas escaladas, ou (o que acontecia com maior frequência) era posto de lado em seu proveito, pura e simplesmente. Em 1974 essa dedicação intensificou-se ainda mais. O acontecimento decisivo foi minha primeira expedição ao Alasca, quando eu e mais seis companheiros escalamos os Arrigetch Peaks, agrupamento de torres esguias de granito, impressionantes em sua beleza severa. Às duas e meia da madrugada num dia de junho, depois de escalar durante doze horas ininterruptas, encontrei-me no cume de uma montanha chamada Xanadu. Esse topo consistia de uma saliência de rocha desconcertantemente estreita, talvez o ponto culminante de toda a cadeia de montanhas. E nossas botas tinham sido as primeiras, em todos os tempos, a pisar aquele lugar! Bem abaixo, as agulhas e encostas dos picos adjacentes tingiam-se de reflexos alaranjados, como se acesos por dentro, por efeito do inquietante lusco-fusco que se prolonga nas noites do verão ártico. Um vento cortante uivava atravessando a tundra, vindo do mar de Beaufort, deixando minhas mãos como se fossem de madeira. Nunca me senti tão feliz na vida.

Terminei os estudos, Deus sabe como, em dezembro de 1975. Durante os oito anos que se seguiram, trabalhei contra-

tado como carpinteiro itinerante e pescador comercial no Colorado, em Seattle e no Alasca, morando em apartamentos de quarto, banheiro, kitchenette e paredes de cimento, dirigindo um carro de cem dólares, trabalhando o suficiente para pagar o aluguel e financiar os custos da próxima escalada. Até que finalmente a coisa foi perdendo a graça. Cheguei a passar noites inteiras remoendo em pensamento as enrascadas em que me envolvera nas alturas. Enquanto serrava toras de madeira em algum terreno de construção lamacento, não conseguia deixar de pensar nos meus colegas de faculdade, que a essa altura criavam famílias, investiam na compra de imóveis, escolhiam mesinhas e cadeiras para o conforto em seus gramados, acumulavam capital, diligente e metodicamente.

Resolvi parar de escalar, e disse isso para a mulher com quem estava envolvido na época. Ela ficou tão impressionada com a notícia que concordou na mesma hora em casar-se comigo. No entanto, havia ali uma subestimação grosseira do poder que o montanhismo exercia sobre mim; desistir de escalar revelou-se muito mais difícil do que eu imaginara. Minha abstinência mal se manteve por um ano e, ao encerrar-se, tudo fazia crer que levaria o casamento junto com ela. Contra as expectativas, entretanto, dei um jeito de continuar casado e escalando. Mas já não me sentia compelido a levar a experiência esportiva aos extremos, ver Deus em cada enfiada de corda, tornar cada escalada mais radical que a anterior. Hoje me sinto como um alcoólatra que conseguiu trocar os excessos de uísque que iam pela semana toda por uma cervejinha nos sábados à noite. Fui aos poucos me satisfazendo dentro de uma certa mediocridade alpinística.

Minhas ambições em matéria de escaladas tornaram-se inversamente proporcionais a meus esforços como escritor. Em 1981 vendi meu primeiro artigo para uma revista de circulação nacional; em novembro de 1983, comprei um processador de texto, e comecei a escrever para ganhar a vida. Desde então tenho me empenhado nisso em horário integral. Hoje em dia as matérias de que me encarregam versam cada vez mais sobre

arquitetura, história natural ou cultura popular — escrevi sobre *fire-walking* (andar descalço sobre brasas) para a *Rolling Stone*, sobre perucas para a *Smithsonian*, sobre o estilo Neorre-gência para a *Architectural Digest* —, mas as matérias ligadas ao montanhismo continuam a ser aquelas que prefiro e que me tocam mais de perto.

Onze dos doze artigos incluídos neste volume foram escritos inicialmente para revistas (apenas o texto de encerramento, “O Polegar do Diabo”, destinou-se especificamente à presente publicação). Como matérias para a imprensa, eles se beneficiaram — e, vez por outra, sofreram — nas mãos de um exército de editores de texto e apuradores da veracidade dos fatos, quando viram a luz pela primeira vez em letras de fôrma. Sou especialmente grato a Mark Bryant e John Rasmus, da *Outside*, e a Jack Wiley, Jim Doherty e Don Moser, da *Smithsonian*, pelas inestimáveis contribuições que deram ao que há de melhor nesses artigos. Todos os cinco são escritores de primeira, além de magníficos editores de texto, o que transparece na sensibilidade e sobriedade que demonstraram repetidas vezes em seus esforços para me pôr no rumo certo cada vez que eu corria o risco de enveredar por um mau caminho.

Devo agradecimentos também a Larry Burke, Mike McRae, Dave Schonauer, Todd Balf, Alison Carpenter Davis, Marilyn Johnson, Michelle Stacey, Liz Kaufmann, Barbara Rowley, Susan Campbell, Larry Evans, Joe Crump, Laura Hohnhold, Lisa Chase, Sue Smith, Matthew Childs e Rob Story na *Outside*; a Caroline Despard, Ed Rich, Connie Bond, Judy Harkison, Bruce Hathaway, Tim Foote e Frances Glennon na *Smithsonian*; a Phil Zaleski e David Abramson no *New Age Journal*; a H. Adams Carter no *The American Alpine Journal*; a Michael Kennedy e Alision Osius na *Climbing*; a Ken Wilson em *Mountain*; a Peter Burford, por sua ajuda em dar forma a esta coletânea; a Deborah Shaw e Nick Miller, por sua hospitalidade; a meu agente, John Ware; ao companheiro *free-lance* Greg Child, que me deu sua colaboração num primeiro esboço de “Um verão difícil no K2”.

Por partilhar a mesma corda em alguns dias memoráveis que passamos nas montanhas, sou grato a Fritz Wiessner, Bernd Arnold, David Trione, Ed Trione, Tom Davies, Marc Francis Twright, Mark Fagan, Dave Jones, Matt Hale, Chris Gulick, Laura Brown, Jack Tackle, Yvon Chouinard, Lou Dawson, Roman Dial, Kate Bull, Brian Teale, John Weiland, Bob Shelton, Nate Zinsser, Larry Bruce, Molly Higgins, Pam Broen, Bill Bullard, Helen Apthorp, Jeff White, Holly Crary, Ben Reed, Mark Rademacher, Jim Balog, Mighty Joe Hladick, Scott Johnston, Mark Hesse, Chip Lee, Henry Barber, Pete Athans, Harry Kent, Dan Cauthorn e Robert Gully.

Quero agradecer, sobretudo, a Lew e Carol Krakauer pela falta de discernimento demonstrada ao levar seu filho de oito anos para subir o South Sister; a Steve Rottler por ter me contratado e recontratado durante anos a fio em Boulder, Seattle e Port Alexander; a Ed Ward, a maior vocação de montanhista que já conheci, com quem aprendi a escalar nas piores condições e sair vivo; a David Roberts, que me mostrou pela primeira vez o Alasca e me ensinou a escrever; e a Linda Mariam Moore, minha mais perfeita editora de texto e amiga mais chegada.

SOBRE HOMENS
E MONTANHAS

SONHANDO COM O EIGER

NOS MOMENTOS INICIAIS do filme *Escalado para morrer*, o ator Clint Eastwood move-se discretamente na penumbra da central de espionagem C-2, para informar-se sobre qual a próxima vítima que deve assassinar. Dragon, o albino perverso que dirige a organização concebida nos moldes da CIA, diz a Eastwood que, embora não tenha ainda o nome do alvo, a agência conseguiu apurar que “nosso homem vai estar envolvido numa escalada em plenos Alpes, neste verão. E sabemos que montanha ele vai escalar: o Eiger”.

Eastwood não tem dificuldade em adivinhar a via escolhida para a escalada — “a face norte, claro” — e admite estar familiarizado com aquela parede alpina: “Duas vezes tentei subi-la, duas vezes ela tentou matar-me... Fique sabendo, se nosso alvo vai ser tentar escalar o Eiger, todas as probabilidades são de que não precise de mim para morrer”.

O problema, quando se trata de escalar a face norte do Eiger, é que, além dos 2 mil metros na vertical a serem vencidos, de calcário quebradiço e gelo negro, também é necessário vencer uma mitologia descomunal. Os movimentos mais difíceis em qualquer escalada são aqueles feitos com a mente, a ginástica psicológica que protege contra o terror — e a aura soturna ligada ao Eiger é assustadora o suficiente para acabar com a pose de qualquer um. Por obra de mais de 2 mil artigos de jornais e revistas, os épicos acontecimentos vividos na Nordwand penetraram na trama do inconsciente coletivo mundial, com a minuciosa exposição de seus detalhes mais sinistros. Capas de livros com títulos do gênero *Eiger: a parede da morte* não nos permitem esquecer que a Nordwand “derrotou centenas e matou quarenta e quatro... Os que caíram foram encontrados —